

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e SACRAMENTO, Igor (org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João, 2010, 429p.

*Anthony Wall**

Versão para o português: *Bruna Lopes Fernandes Dugnani***

*Rodrigo Fernando Assis dos Santos****

É difícil não reagir positivamente a uma publicação, em português, concebida como forma de introduzir, para os brasileiros, Bakhtin reinventado pelo mundo anglo-saxão. Dois editores brasileiros, do Rio de Janeiro, misturaram (às vezes) surpreendentemente alguns dos críticos mais conhecidos em língua inglesa na área dos Estudos Bakhtinianos (Michael Holquist, Ken Hirschkop, David Shepherd, Caryl Emerson) com vários outros relativamente desconhecidos. Essa escolha dos organizadores tem a vantagem de colocar lado a lado autores vindos de várias disciplinas e, muitas vezes, de divergentes horizontes acadêmicos. Esse aspecto corresponde precisamente à parte importante do objetivo explicitado pelos editores, ou seja, apresentar um Bakhtin completamente diferente daquele que a maioria dos acadêmicos brasileiros conhecem, isto é, o filósofo russo que veio a ser conhecido na Europa Ocidental e, depois, nas Américas, pela via do estruturalismo francês (uma linha de pensamento iniciada principalmente por Julia Kristeva nos anos sessenta e setenta, e mais tarde reacendida por Tzvetan Todorov no início de 1980).

O Bakhtin "anglo-saxão" apresentado nesse livro deve ser visto, ou pelo menos assim se afirma, como parte da "segunda onda" dos Estudos Bakhtinianos, a qual é tanto advinda da "primeira onda", isto é do Bakhtin do estruturalismo francês, como da crítica à ela. Este outro Bakhtin é dividido em três partes (o filósofo da linguagem, o teórico da

* Professor da University of Calgary, Calgary, Alberta, Canadá; awall@ucalgary.ca

** Mestranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP/CNPq, São Paulo, São Paulo, Brasil; blopesdugnani@gmail.com

*** Mestrando da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP/CNPq, São Paulo, São Paulo, Brasil;

cultura e o pensador de estudos da mídia), uma escolha relativamente inexplicável de títulos que, no entanto, foram dados como apropriados para a apresentação da filiação teórica de Bakhtin, conforme concebida pelo mundo de fala inglesa. Só podemos aplaudir o empreendimento de tornar conhecidos alguns dos textos mais produtivos e provocativos da inebriante década de 1980, artigos que, sem dúvida, permanecem um tanto quanto desconhecidos para a maioria dos estudiosos brasileiros. Nessa categoria, podemos certamente colocar o capítulo pioneiro publicado em 1983 por Dominick LaCapra, traduzido com visível elegância. A articulada contribuição de LaCapra foi publicada exatamente no momento em que Bakhtin estava se tornando, rapidamente, o teórico mais citado no contexto dos estudos literários (escritos em inglês) e, também, quando suas ideias estavam começando a se espalhar das disciplinas das humanidades para as das ciências sociais. O texto de LaCapra, em particular, foi um poderoso antídoto para tendências que naquele momento viam carnavalização em quase toda parte e em qualquer lugar e a estudavam como um fenômeno contemporâneo desprovido de qualquer contexto histórico. Poderíamos, também, colocar nessa mesma categoria, o artigo sobre Bakhtin e Vygotsky, escrito por Caryl Emerson nas fases iniciais de sua carreira acadêmica (ou seja, 1983), uma peça que, em muitos aspectos, é completamente diferente de boa parte do importante trabalho dela, que viríamos a ler a partir dos anos 1990 e no século seguinte. Não podemos deixar de notar que a data “média” de publicação dos doze artigos apresentados nesse volume é 1989. Seria necessário reconhecer-se que essa era uma época, nas universidades anglo-saxônicas, em que Bakhtin era lido não exatamente em oposição à teoria francesa, mas no contexto explícito de outros tipos de pensamento francês que eram tudo menos estruturalismo reeditado: Michel Foucault, Louis Althusser, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Paul Ricoeur. Nesse contexto, é um tanto difícil entender exatamente o que os editores querem dizer quando afirmam que o segundo Bakhtin “Anglo-saxão” é essencialmente diferente do primeiro Bakhtin, aparecido sob a influência do primeiro período estruturalista francês. Será que isso significa algo além da forma que estamos habituados a ler Bakhtin no final de 1980, no auge do pensamento pós-modernista? Será que esse Bakhtin é diferente da maneira com que o liamos anteriormente, quando, na verdade, tudo o que era sabido pelos falantes de inglês sobre Bakhtin estava para ser

encontrado em seu estudo sobre Dostoiévski e seu trabalho sobre a carnavalização? Considerando a idade média dos artigos apresentados nesse volume, parece que uma preciosa oportunidade para explorar aspectos significativos do contexto histórico-cultural em que, de fato, os artigos escolhidos para a tradução foram escritos, foi perdida. Por exemplo, se é realmente aconselhável incluir um artigo escrito por um dos primeiros diretores da *Birmingham School of Cultural Studies* (embora este interessante artigo de Stuart Hall trate apenas periféricamente sobre Bakhtin), fica difícil compreender por que nenhuma palavra foi escrita na introdução sobre o papel histórico desempenhado pela *Birmingham School*, principalmente na Grã-Bretanha, nas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, nem sobre o eventual fim da escola e seu subsequente legado. Esperaríamos ao menos mais um texto, nesse volume, especificamente dedicado a Bakhtin, surgido a partir do pensamento da *Birmingham School*, advindo, por exemplo, de Allon White e Peter Stallybrass.

Além disso, a escolha editorial de concentração em textos publicados cerca de vinte anos atrás, significa que o panorama do pensamento apresentado nesse volume separa-se dos desenvolvimentos posteriores das Ciências Sociais e Humanas, que foram parte muito importante (e ainda são) dos Estudos Bakhtinianos para o mundo de fala inglesa. É lamentável que o leitor lusófono não possa saborear o estimulante trabalho que tem sido feito sobre Bakhtin nas áreas de estudos pós-coloniais, educação, estética filosófica, fenomenologia, exegese textual, psicologia e estudos religiosos. Talvez um rumo melhor para apresentar esse volume, que se baseia em três temas fragilmente interligados, seria apresentar a história do pensamento do mundo de fala inglesa sobre Bakhtin. Essa forma de conceber o volume teria permitido aos editores oferecer ao leitor brasileiro uma forte base de porque coisas foram ditas da forma como o foram nos anos de 1980 e 1990 sobre Bakhtin, e por que razão apenas alguns aspectos de seu pensamento foram considerados. No mínimo, a complicada história das traduções de Bakhtin para o inglês precisaria ser abordada na introdução do volume. Além disso, uma explicação mais completa de alguns dos principais fundamentos ideológicos que separam as diferentes escolas do pensamento sobre Bakhtin, no mundo de fala inglesa, deveria ter sido proporcionada. Como um *desideratum* futuro, esperaríamos uma justificativa mais explícita para "estudos de mídia" entre os três títulos escolhidos para inclusão no volume. Na verdade, a maioria dos observadores concorda que,

provavelmente, este tipo de estudo acadêmico não tem estado na vanguarda dos Estudos Bakhtinianos realizados em língua inglesa até o momento.

Conforme apresentado, a oposição (falsa e descontextualizada) entre uma primeira onda "francesa" e uma segunda onda "anglo-saxônica", prestou muito desserviço ao louvável objetivo de chamar a atenção do público lusófono para alguns textos, até aqui dignos, mas injustamente esquecidos. Em primeiro lugar, os textos selecionados se encontram privados de algumas de suas camufladas polêmicas, porque para a maior parte dos que trabalharam na década de 1980, os textos eram de fato, pelo menos implicitamente, escritos tendo em mente autores que eram contemporâneos de Kristeva. Uma visão mais simplista da teoria francesa em 1960 e 1970 parece obrigar os editores a retratar Roland Barthes como um importante pensador do desenvolvimento do pensamento francês sobre Bakhtin (pp. 90-10), mesmo que nada poderia estar mais longe da verdade. Além disso, uma escritora como Linda Hutcheon, em sua obra inovadora sobre a carnavalização, mas pouco conhecida de 1983, outro como Michael Gardiner, em seu trabalho seminal sobre a utopia, de 1992, e um terceiro, como Craig Brandist, em um artigo importante sobre Bakhtin e Gramsci, publicado em 1996, apresentam trabalhos escritos em estilos tão profundamente diferenciados, tanto no tom como no sabor, que seria conveniente os editores terem escolhidos tradutores diferentes para trabalhos redigidos em sintaxe e vocabulário de um inglês tão diferenciado, aspecto que torna os trabalhos quase estranhos uns aos outros.

Finalmente, uma vez que seria impossível em um único volume, contendo doze textos curtos, apresentar a imagem completa do Bakhtin surgido nos países de língua inglesa, certamente teria sido útil se os editores apresentassem uma bibliografia complementar, incluindo alguns dos mais importantes autores não contemplados por sua escolha editorial (Graham Pechey, Galin Tihanov, Emily Schultz, Clive Thomson, Peter Hitchcock, Donald Wesling, Robert Barsky, Michael Bernard-Donals, Rachel Pollard, Gary Saul Morson, Susan Felch, Brian Poole, Dale Bauer, Tim Herrick, para citar apenas alguns).

Recebido em 06/01/2011

Aprovado em 12/05/2011